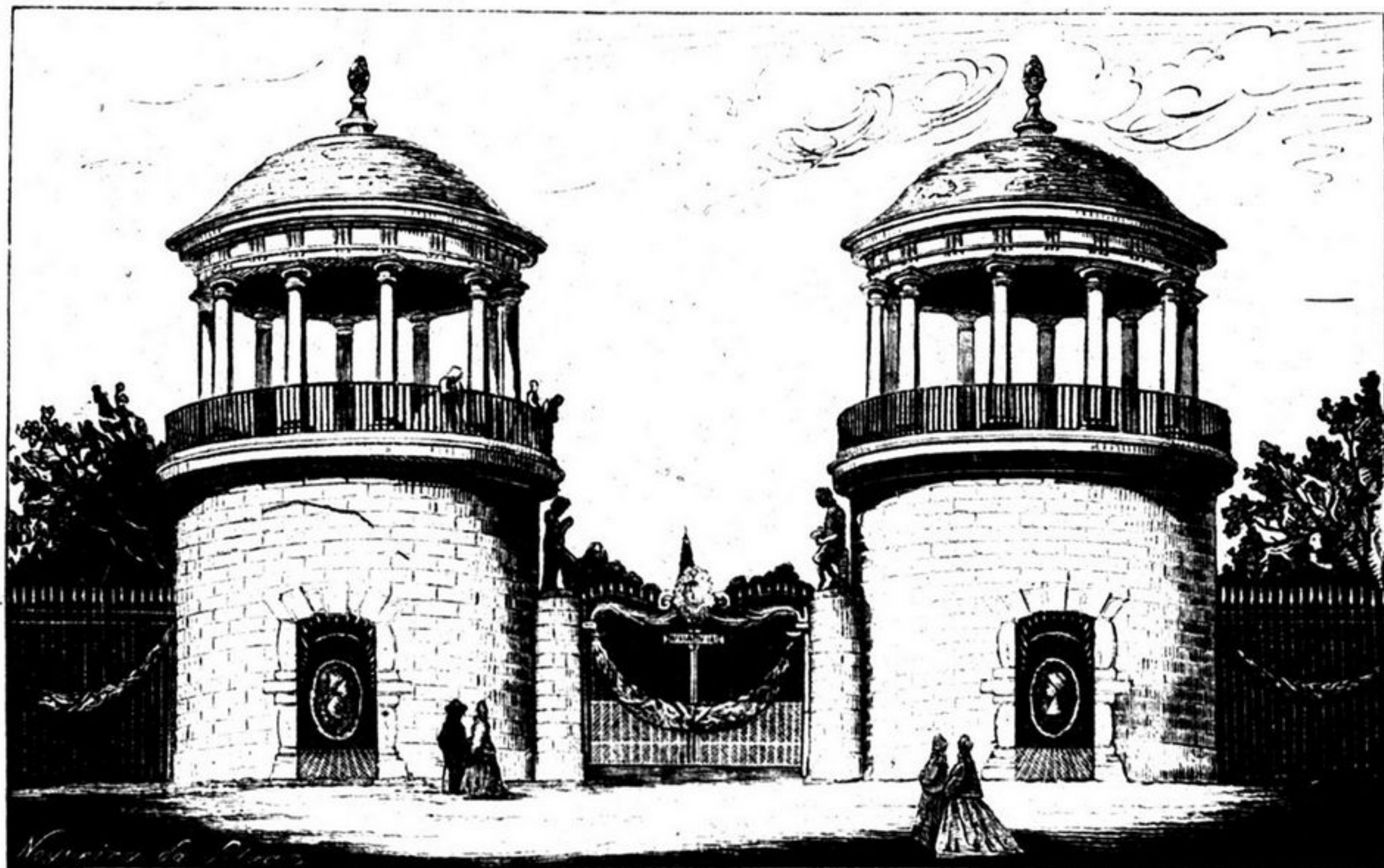


O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCAO.



Entrada principal da quinta das Larangeiras

Eu não sei porque motivo a empresa do *Panorama* gosta de abrir os volumes com estampa e artigo meus. Parece quer representar, reproduzir ou imitar o systema das contradicções politicas e economicas que de ha muito regem as grandes cabeças administrativas do nosso paiz. Ora isto é máo, emquanto a mim. Nunca me ensinaram a respeitar senão os bons modelos. Tive sempre repugnancia em caminhar por outra estrada.

Sou eu um individuo pouco apto para a escripta, assim como para tudo. A comadre que me recebeu em seus braços quando nasci devia por força ser a preguiça, ou, pelo menos, chamar-se Preguiça, porque os nomes tambem influem na indole das pessoas. Depois falta-me a circumstancia mais essencial para os artigos proprios d'estas estampas, ou d'estes assumptos, e, mui principalmente do genero de taes jornaes.

Antes de tudo é necessario ser erudito, mui erudito, o que equivale a dizer que é preciso ser o mais massador possivel. Em seguida ter de usar de um estylo simples; quer dizer pouco salgado: estylo de dieta, que é para não fatigar esse admiravel e mysterioso estomago da cabeça, chamado cerebro, do leitor, que tem de degerir uma descripção, que poderia ser quatro vezes menos minuciosa, menos austera e menos grave.

Ora eu nunca tive peito bastante amplo para accommodar o espesso manto de pó em que as

bibliothecas jazem envoltas. Emquanto a sal, é materia que em mim abunda; não d'aquelle que faz rir, nem do que faz chorar, como o da maior parte dos que temperam essa caldivana de artigos e folhetins que todos os dias nos dão a tragar; mas do sal que provoca caretas mais ou menos amenas: nem sal francez, nem sal portuguez: sal que aseda um pouco a lingua dos que precisavam ter sempre a boca cheia de pimenta.

Pelo que diz respeito a laconismo ninguem o respeita e põe mais em pratica do que eu: principalmente quando se trata de entrar no assumpto. E n'isto não ha senão coherencia. Como hei de eu, por exemplo, ser extenso, fallando da quinta das Larangeiras, cuja historia ignoro? Sei qué, na ordem das grandes, das lindas e das mais ricas quintas do nosso paiz, e não sei se de todos os paizes, gosou por muito tempo do primeiro grau. Foi isso devido a muitas circumstancias, nem todas verdadeiramente reaes. Em primeiro lugar era a que estava mais á mão. Ia, portanto, lá toda a gente sem difficuldades. Depois não havia outra nos proximos arredores de Lisboa que fosse mais bem decorada, mais espaçosa, mais pittoresca e mais cheia de commodidades e recreios. Não lhe augmentaram menos voga as representações e os bailes esplendidos, que no seu lindo theatro, e vastas salas dos seus palacios tanto a miudo se deram.

Já o leitor vê que isto per si só bastaria. Mas

o que lhe deu uma celebridade até então nunca vista, e que talvez não cubra mais a fama de qualquer outra quinta, que para o futuro venha a apparecer, foi a variada e terrível bicharia que por muito tempo ali viveu a atordoar os ouvidos dos visinhos, e, com muita especialidade, aquelles famosos rugidos do leão, que todos os dias ao descair da tarde resoavam melancolicamente por essa atmospheria; esses estrondosos preludios das ave-marias, ou coisa superior a isso, pois era mais a gente que então exclamava:—lá rugo o leão das Larangeiras—do que a gente que dizia—resemos, que lá toca o badalo.—

Pois a leoa, aquella diabolica leoa, de que não se viam quasi sempre senão o chammejar dos olhos, mas que não nos deixava parar um minuto juntos á grade da jaula com o magnetico terror dos seus assopros!

Era uma contradança constante em que estavam os visitantes: um espectáculo, um divertimento integrante da quinta. O leão, esse é que foi socegado e manso como um cordeiro. Deram-lhe bom pago por isso. Cegaram-no, e elle tão tolo que, ainda assim, vinha roçar-se pela grade nos sitios em que sentia gente. O animal parecia consolar-se com os affagos que esta lhe fazia, percorrendo-lhe o dorso com a mão, como uma compensação da sua escravidão e cegueira.

Todos estes recreios acabaram como acabou a propria celebridade e prestigio do proprietario da quinta; como acaba tudo n'este mundo.

Ainda não ha muitos annos que o celebre bezerro de ouro d'outras eras revivia entre nós sob a fórma de um homem que todos conheciam pelo nome de Quintella. Era este nome mais conhecido e applicado do que a canella e a mostarda de sinapismos. Sentia-se barulho no interior de uma habitação qualquer; escutava-se, e ouvia-se o dono da casa a exclamar para a sua esposa, mais irado do que um safio na rede:— «É vistidos sobre vestidos, chapéus sobre chapéus: você cuida que sou aqui o Quintella?» — Via-se um cidadão sem meios para alimentar a familia. Debalde mettia as mãos nas algibeiras; pouco menos lhe acontecia revolvendo as gavetas, aonde apenas encontrava alguma tira de papel que lhe despertava a idéa de encommendar um seu intimo amigo. Este porém já enfadado de tanta pedinchadella, abanava as orelhas, e, pegando na penna, respondia-lhe com este extremo laconismo:— «Meu caro: tambem não tenho vintem, hei feito muito; alma que vae não torna; e eu não sou o Quintella.»

Etc., etc., etc.

Reparo que tenho o artigo feito. Ainda bem. Póde o leitor respirar, mas ainda assim só metade, e guardar a outra metade para depois da seguinte explicação. Como o artigo foi ao correr da penna, ou, para melhor dizer, ao correr das idéas, reparo tambem que não absolvi a empresa do *Panorama* das accusações que lhe fiz. E' facil, muito facil, facilissimo. Descarrego-me d'isso lançando mão das theorias e praticas parlamentares. Retiro a proposição, e pesso ao leitor que não se esqueça de lançar tão importante circumstancia na acta das suas sessões recreativas.

Restava um outro compromettimentosinho a saldar, mas com esse não tenho eu nada.

É que a empresa abrindo o volume do *Panorama* com uma gravura representando a entrada

principal da quinta das Larangeiras, não devia trancar as portas d'ella aos seus leitores. Mas talvez o nobre proprietario da quinta não tivesse já hoje numero sufficiente de bilhetes para os assignantes do *Panorama*, nem mesmo tendo, julgasse que merecesse a pena tão grande incommodo, por não confiar na completa concorrência, visto haver deixado de existir a bicharia que mais chamava a attenção. Finalmente, a quinta não uzou nunca ter as suas portas abertas, coisa que pareceria dar a entender, se assim o representasse a estampa.

E adeus, que os olhos se me cerram de sono. Se outro tanto acontecer ao leitor, conto com as suas bençãos, pois lhe descobri o remedio para dormir estas tão compridas noites.

De cada vez que accorder é pegar em o numero, e principiar a ler este artigo.

NOGUEIRA DA SILVA.

DOS HOMENS QUE COMEM TERRA

I

Não julguem os leitores que o titulo, que aqui fica, foi escripto adrede e de caso pensado para lhesa guçar o appetite, seja dito por antiphrase e metaphisicamente.

Relata Humboldt, o grande viajante e o grande sabio, e após elle, não sei quantos mais, que homens ha, miseros e mesquinhos selvagens, caídos no maior gráo de pobreza e de embrutecimento, que, durante certas épocas do anno, alimentam-se de terra.

O panorama da criação é, de feito, uma prosecução de grandiosos quadros, de vistas admiraveis, de gradações bellissimas, de perennes harmonias.

Cada animal, levado pelo instincto, arrastado e instado por uma força superior, fatal, necessaria, com a qual sempre se combina a vontade, em harmonico abraço, descreve o cyclo da existencia, sujeita se á grande lei da eternidade da especie, modifica-se, ageita-se, dobra-se ás circumstancias, e cumpre emfim o preceito da reproducção. Mas o homem, o anjo descrito, anda sempre em rebellião com a natureza.

Umaz vezes, por excesso de intelligencia, outras por falta d'ella; já por demasiados recursos e forças, já pela carencia d'estes elementos, eil-o a relucrar sempre, eil-o, misero Titão, a desobedecer, nos achanhados limites dos seus esforços, e á custa do individuo, ás sabias leis da natureza.

O excesso da civilisação é a barbaria, e nos dois extremos vemos as victimas, aqui, da incuria, da estupidez, da selvageria, além, da insaciavel ambicão, das crescentes necessidades do progresso, tonel de Danaides, que a humanidade inteira, no correr dos seculos, não póde e não poderá encher jámais.

Parece que o homem civilisado devia distinguir-se do selvagem em duas cousas — progresso physico e progresso moral, melhoramento e aperfeicoamento do corpo e da alma.

Se o humanismo é uma theoria verdadeira, estes dois principios deviam ser axiomaticos, clarissimos, evidentes, por isso que são a base, o fundamento, o alicerce da doutrina, que apregoa o progresso successivo do homem.

E, comtudo, estes principios são mais do que duvidosos, são contestaveis, e a sua demonstra-

ção carece de argucias, ruim interpretação dos factos historicos, interpretações archeologicas e geologicas.

A differença patente, innegavel, obvia, que se depara, ao examinar e comparar o selvagem com o homem civilisado, é a dos recursos.

Este, pela investigação e desquição constante dos mysterios da natureza, pelo diuturno e continuado observar e analysar, com o emprego racional dos seus esforços, inventa, modifica, melhora, aperfeiçoa, conquista, altera, muda, doma, assenhoreia-se de tudo que lhe pôde ser util ou agradável. O mar, a terra, a atmosphera, os ventos, as arvores, as rochas, os animaes, tudo lhe serve, tudo lhe presta um serviço, tudo lhe produz e rende. Assim é que o homem civilisado estende cada dia os seus dominios, abrange a terra, abarca-a, atravessa os mares, por toda a parte expende os mil braços da sua actividade, vomita a lava ardente, que mata o indigena, e sobre as ruinas fumegantes e quentes, ergue o estandarte da civilisação, e mette o alvião e o arado nos seios da terra.

O trabalho previdente, dirigido consoante os preceitos da experiencia, e do exame analytico e profundo dos phenomenos naturaes, tal é a differença unica entre o homem civilisado e o selvagem. No mais, tudo é identico. O selvagem mais bronco, estúpido e despresivel e o homem typo de civilisação tem eguaes paixões, instinctos eguaes, são arrastados por identicos sentimentos, insta-o o mesmo querer, com a differença relativa das necessidades do meio, da educação e selecção natural, que, conforme disse Darwin, é uma grandissima alavanca do aperfeiçoamento. A imprevidencia, a incuria, o desleixo, a inercia, a torpeza, são os vicios dos selvagens, são os dissolventes que os corróem, e que, dentro em pouco, os destruirão de todo.

Na phrase de um distincto anthropologista allemão, a humanidade foi no berço um viveiro de arvores. Umas, cresceram, bracejaram, enfloraram, fructificaram, reproduziram se e robusteceram se. Outras, já porque a semente caisse em terreno sáfaro e maninho, já porque outras circumstancias asinhas concorreram, definharam-se ou ficaram-se estacionarias, os fructos saíram, lhes podres, as vergontas enfiadas e rachiticas e vão se esphacelando a pouco e pouco, para enriquecer com os despojos as mais pujantes e fortes.

As raças imprevidentes estacionaram por largos seculos, e quando no trabalho, n'esse immenso baptisterio, adquiriram forças os eleitos, caminharam á conquista de novas terras, e todos os annos a Europa arremessa milhares de peregrinos, que vão desalojar e matar os tristes indigenas da America, da Asia, da Africa, e da Oceania, cujo crime foi desobedecerem á lei do trabalho.

Mas a que proposito vieram estas reflexões? Que relação pôde haver entre ellas e os pobres selvagens, que se sustentam da terra?

É facil descortinal-a. É facil deprehender do que ahi fica explanado ao correr da penna que sem trabalho não ha viver, e que a incuria conduz fatalmente á morte.

Pela incuria, pelo afferro a vicios inveterados, caíram os selvagens, de que vamos fallar, na maior das miserias, que brevemente os levará a total ruina e estrago.

Mas não pequemos nós tambem por excesso de orgulho. Se aquelles, porque não sabem trabalhar, vivem em tanto desvalimento, lancemos olhos para os *selvagens da civilisação*, para os reprobos e victimas, para os gladiadores do trabalho, que morrem esmagados pela fome.

Olhemos para a Inglaterra, e veremos os mineiros a respirarem os gazes mephiticos das hulleiras, viverem perpetuamente nas trévas, ás vezes por baixo do proprio mar, excavando em torno, sempre com a morte eminente, com a ameaça sobre a cabeça. Olhemos para o artifice, reduzido á triste condição de machina estúpida e inconsciente, fazendo um labor bestial, que, dentro de alguns annos lhe annulla e atrophia as facultades intellectuaes, até que, afinal, o torna idiota e lhe infunde os vicios da besta e da alimaria, ao passo que lhe arruina a saude e lhe altera as fórmas physicas. Olhemos para milhares de exemplos analogos a estes, e ficaremos perplexos, hesitantes, indecisos, sobre qual será desgraçada — a victima da civilisação ou a victima da barbarie, o homem das selvas, entregue aos azares e venturas da sorte, ou o homem que gravita sempre em volta de um ponto fixo, e cuja vida se reza a levantar e abaixar uma valvula ou bater com o alvião na rocha carbonifera, nas entranhas da terra.

Aquelle, ao menos, tem — liberdade, um grande ambito, não o prendem laços domesticos, desconhece as doçuras do lar, não vé sempre diante de si a riqueza, os gosos, não soffre o medonho supplicio de Tantaló.

Conta um viajante sueco, famoso sabio, que se foi á Siberia fazer algumas observações electro-magneticas sobre a declinação e inclinação da bussola, que no interior de uma mina de platina deparou-se-lhe um escravo ainda moço, que com andar trabalhando com a picareta, como qualquer rustico, que para mais não servisse, havia estudado em Paris as mathematicas e as sciencias naturaes, fôra laureado do Instituto, escrevera algumas memorias, que revelavam altissima intelligencia e muita aptidão, fôra emfim recommendado por Arago, Humboldt, e Bessel.

Este homem, filho de servo, fôra mandado estudar pelo boyardo, mas como na volta forçada á patria desagradasse ao amo, logo o sepultou em vida, e mandou-o a elle, homem de elevados dotes e grande capacidade, extrair platina de parceria com os servos ignaros, semi-selvagens, seus eguaes.

Não valeria mais a esta victima morrer na ignorancia, ou viver como o selvagem da Africa ou da America?

A esta victima, que tinha um nome europeu, vinha recommendado por Humboldt, o sabio viajante.

O caso passou-se ha pouco mais de trinta annos.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

BREVES ENUNCIADOS ACERCA DE DUAS BEBIDAS EXCITANTES NÃO FERMENTADAS — O CAFÉ E O CHÁ

Não são as bebidas menos importantes que os alimentos, e o seu abastecimento e pureza: momentaneamente quanto ás de primeira necessidade, que tão poderosamente influem na saude dos povos.

SR. J. J. DE MACEDO PINTO.

O café tem sido objecto dos mais entusiasti-

cos encomios,— ao passo que não tem faltado quem o capitule de veneno, embora esta ultima qualificação seja modificada com o correctivo de — *lento*.

Bebida digestiva, estimulante, intellectual, e até — como tónico excitante — podendo até certo ponto substituir o vinho: eis os pontos capitais do louvor.

No que respeita aos adversarios do café, que chegam a acimal-o de venenoso, lembra logo o famoso dito epigrammatico de Fontenelle: *Se o café deve ser tido na conta de veneno, declaro que é um veneno muitissimo lento: ha já oitenta annos que tomo muitas chavenas de café por dia, e a minha saude nem por isso está ainda sensivelmente alterada.* — Este argumento assemelha-se, *mutatis mutandis*, ao do philosopho que demonstrava a liberdade do movimento, pondo-se a marchar diante do seu contradictor.

— O que, no meio de tudo quanto tenho lido a respeito do café, me parece mais judicioso, é o seguinte:

1.º Casos ha em que o café pôde ser muito contra-indicado. Resistir a um tal aviso da sciencia, ou da experiencia, é um absurdo, e pôde ser um perigo.

2.º O abuso de tal bebida é nocivo, como são nocivos todos os abusos, não só no mundo physico, senão tambem no mundo moral.

3.º A rasão dicta, e os competentes asseveram que a authoridade deve fiscalisar a venda do café — em grão, em pó, e em bebida. — no sentido de que as alterações do grão, as falsificações do já moído, ou a preparação da bebida, não prejudiquem a saúde. (1)

— Não nos contentemos, porém, com o que seca dito. Ouçamos alguns testemunhos, e por ventura lograremos encerrar o assumpto nos seus diversos aspectos.

Em um bello artigo de M. A. Chevalier encontro opiniões as mais favoraveis ao uso desta bebida.

O café, em nossa opinião, diz M. Chevalier, é não só uma bebida, mas um alimento: eis o que M. Gasparin demonstrou muito bem no trabalho que mais adiante mencionaremos.

M. Champonillon, que M. Chevalier cita, diz que a acção d'esta bebida sobre os nossos órgãos não deixa um só d'elles em estado de indifferença: e termina com esta asserção: *Finalmente, o café parece ser o alimento material da intelligencia.*

Muito nos interessa, para bem das classes laboriosas do nosso paiz, tomar nota da opinião de M. Gasparin, e vem a ser, que o café tem a propriedade de sustentar as forças de homens sujeitos a trabalhos rudes, e a marchas penosas.

M. Payen opina que — se o café não dá maior nutrição, impede em todo o caso a *desnutrição*, ou diminue a perda de substancia. (2)

Tambem entre nós uma pessoa competente se declara, com decisão, pelo uso do café na alimentação do soldado, e maiormente nos casos em que se exige d'este maior consumo de forças, como acontece nas guarnições das grandes cidades, nas marchas, na reunião de tropas para exercicios ou manobras, etc.

(1) Veja — *Medicina Administrativa e Legislativa...* por José Ferreira de Macedo Pinto.

(2) Veja o interessante artigo: *Du Café. Son historique, son utilité*, etc. Par M. A. Chevalier.

(*Annaes d'Hygiène Publique et de Médecine Légale*, tomo XVII, 2.ª série, pag. 5 e seguintes.)

Alludo ao sr. José Antonio Marques, o qual, depois de mencionar a pratica geral, nas classes menos remediadas, do uso do café para a alimentação, invoca o valioso testemunho de um grande numero de sabios, e conclue dizendo: — «Resolver, por tão justificadas rasões, a *distribuição regular de uma ração de café quotidiana ao nosso soldado*, fôra portanto um decisivo passo de progresso no regimen alimentar do exercito, pondo este ponto de administração militar em harmonia com os conselhos da experiencia popular, da sciencia, e da propria pratica das outras nações.» — (3)

Tive curiosidade de saber como pensavam a respeito do café, alguns medicos portuguezes, que escreveram sim no presente seculo, mas em annos que vão longe.

O academico Francisco de Mello Franco, depois de considerações de varia natureza sobre o café, concluia assim:

— «O café portanto *tem virtudes*; mas não pôde convir, como succede ás demais cousas, a todos os temperamentos, a todas as idades, e em todos os paizes; e *sempre* deixará de convir sendo excessivamente tomado. Estimulando as fibras do estomago pelo seu amargo, e aroma, ajuda as suas funcções, e anima as do cerebro; e por esta qualidade vem a ser proveitoso aos homens de letras, se forem prudentes no seu uso. He contra-indicado ás crianças, ás pessoas de temperamento nervoso, e ás de constituição secca, e irritavel. He porém de grande beneficio ás pituitosas, phlegmaticas, e gordas; por que obrando com particularidade no systema dos nervos convém a estas, cuja compleição frouxa se dá muito bem com os estímulos proporcionalmente applicados. Em paizes pois, onde o geral dos temperamentos he phlegmatico, por exemplo em Hollanda, pôde o seu uso ser mais geral, e beber se com menos parcimonia; e ás avessas deve ser moderado naquelles, onde predominão constituições biliosas, sanguineas, e por extremo sensiveis, por exemplo, as dos habitantes do sul da Europa» — (4)

Santos Cruz, que escrevia no anno de 1843, reconhecendo que o uso do chá e do café estava muito generalizado nos habitantes de Lisboa, de todas as classes, aventava a opinião de que esse excessivo uso de taes bebidas concorria, conjuntamente com outras cousas, não só para a alteração da saúde, senão tambem para agravar as enfermidades que os lisbonenses já padeciam.

Em outro lugar, em que falla das causas especiaes que influem na alteração da saúde dos habitantes de Lisboa e seu termo, dá como nocivo o uso do chá, e ainda mais o do café; e assim remata as suas ponderações:

— «Concluâmos pois, que em Lisboa, aonde se faz um uso quasi seguido do chá, e do café, e maior do que em outra qualquer cidade ou villa de Portugal mesmo proporcionalmente, mas do que em muitas outras estrangeiras, he esta uma

(3) Veja os interessantes escriptos do sr. José Antonio Marques: — *Elementos de Hygiene militar*; — e *Estudos estatísticos, hygienicos, e administrativos sobre as doenças e a mortalidade do exercito portuguez*.

Veja tambem um curioso escripto intitulado: — *Formulario de alimentação para o exercito, ou guia do director do rancho*, por José Nuno Pereira Barbesa, tenente de infantaria n.º 2. Lisboa. 1865.

(4) *Elementos de hygiene, ou dictames theoreticos, e praticos para conservar a saúde, e prolongar a vida*. Publicados por ordem da Academia Real das Sciencias pelo seu socio Francisco de Mello Franco. 3.ª edição. Lisboa. 1823.

outra causa local, que concorre não só para exacerbar os males de seus habitantes, mas para o apparecimento de outros; devendo este uso seguido ser prohibido especialmente ás creanças em muitos estabelecimentos publicos, e particulares, porque as enerva, e lhes faz aggravar mais seus padecimentos escrophulosos, que bem pronunciados existem na maior parte, ou em quasi todas as de alguns estabelecimentos da cidade, como já vimos pelo que fica dito, sendo por isso de toda a attenção este preceito de sua educação physica.» — (5)

Chá da India. É o sr. Macedo Pinto de opinião que o chá da India poderia ser substituido entre nós por infusões de substancias indigenas, taes como a flor da tilia e de lorangeira, herva cidreira, salva, casca de limão, etc. Em um paiz tão rico de plantas aromaticas, como Portugal é, facil fôra preparar uma bebida agradável, que substituísse o chá em seus usos domesticos e de sociabilidade; ao passo que fôra mais hygienico, na estação calmosa, substituir nos sarões o chá pelas mimosas e tão variadas fructas que possui-

mos, por doces, vinhos espumosos, cidra e cerveja, — e nas estações frias, por fructas seccas, doces e vinho de varias qualidades.

Quaes vantagens teria esta reforma hygienica? a de poupar sommas enormes, que o paiz gasta improductivamente todos os annos; e a de nos livrar de um genero quasi todo falsificado, que lentamente vae minando a saude de quasi todo o povo, por estar hoje tão generalisado o uso de uma tal bebida.

O chá da India produziu no regimen alimentar uma alteração muito prejudicial á saude publica, — porque substituiu a refeição do almoço e até a da ceia, solida e substancial como era em outros tempos, pela infusão de que hoje usamos acompanhada de substancias pouco nutrientes. A esta circumstancia attribue o nosso author a maior frequencia de constituições fracas, de temperamentos lymphaticos, e de molestias graves, que observamos agora. Esta alteração torhasse mais nociva nas grandes povoações, e na criação dos infantes.

(Continúa)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



A igreja de Santa Maria della Salute, em Veneza

Se em Veneza tudo é original e pittoresco, é comtudo certo que as suas igrejas merecem especialmente attrair a curiosidade e attenção dos viajantes. Opinam todos os entendedores, que nos templos da rainha do Adriatico está resumido tudo o que excita a surpresa e a admiração, no que a architectura tem de mais ousado e de mais variado, no quo a arte do esculptor e do estatuario tem de mais rico e de mais gracioso, no que a pintura tem de mais grandioso e de mais poetico. Ali, dizem os mesmos entendedores, possui-

dos de entusiasmo, encontramos a igreja de Santa Maria Gloriosa, vulgarmente denominada *de Frari*,* resplandecente com as obras primas de Canova e com os sublimes quadros do Ticiano. Ali encontramos a igreja de S. Sebastião, onde repousa Paulo Veronése rodeado das suas obras immortaes. Ali encontramos a igreja de Santa Maria della Salute (que a nossa estampa representa), um dos mais magestosos monumentos de Veneza. Ali encontramos a cathedral de S. Marcos, com as suas cinco portas de bronze, com os seus zimbórios asiaticos que recordam Santa Sophia de Constantinopola.

(5) *Ensaio sobre a topographia medica de Lisboa...* por F. J. dos Santos Cruz. Tomo 2.º. Lisboa. 1813.

A nossa estampa representa, não só a igreja magestosa de Santa Maria della Salute, mas também uma vista da cidade de Veneza, tão singular, tão extraordinariamente notavel.

O ultimo viajante, fino apreciador das bellezas da Italia, e das maravilhas da arte naquella paiz encantado, M. Taine, fallando de Veneza, rompe a sua descripção nestes termos: — É a perola da Italia; nada que a eguale tenho visto; nem sei que outra cidade se lhe assemelhe, muito de longe, e ainda assim nas cousas de esculptura, que não seja Oxford. Em toda a peninsula, nada se pôde comparar com Veneza. Quando o viajante se recorda das immundas ruas de Roma e de Napoles, das seccas e estreitas de Florença e de Sienna, e depois olha para estes palacios de marmore, para estas pontes de marmore, para estas igrejas de marmore, para esta soberba bordadura de columnas, de varandas, de janellas, de cornijas gothicas, mouriscas, byzantinas, e para a universal presença da agua movediça e luzente, — pergunta a si proprio: Porque razão não vim eu mais cedo e mais depressa aqui? Porque razão perdi dois mezes nas outras cidades? Porque razão não gastei todo o tempo em Veneza? —

O viajante vae seguindo na gondola o Canal grande, entre duas fileiras de magnificos palacios, e a uma volta que o mesmo Canal faz, vê surgir e erguer-se da agua, «como uma rica vegetação marinha, como um esplendido e singular coral esbranquiçado, a igreja de Santa Maria della Salute, com os seus zimbórios, com os seus acervos de esculpturas, com o seu fastigio carregado de columnas.»

Tal é o magestoso templo, do qual offerecemos a perspectiva na presente estampa.

UMA VELHA DE VINTE ANNOS

I

Estamos n'uma sala de baile. Ninguem por certo o diria, ao ver as paredes nuas, onde se prendem placas de folha de Flandres, sustentando as velas de stearina, que formam toda a illuminação; e ao deparar com o tecto tão baixo... tão baixo, que não deixaria exaltar-se em puladas mazurkas ou em vertiginosas valsas, sem risco de apalpar com a cabeça a dureza do vigamento, os dançantes que excedessem um metro e sessenta e cinco centímetros de altura. São toscos os bancos de pinho que adornam a sala; trajam de chita as formosas damas, que perpassam n'este momento nas animadas marcas de uma animadissima contradança; vêem-se jalecas, quinzenas de cotim e caçadeiras de ganga ou de riscadinho nos atavios dos cavalheiros! Apesar porém de todas estas falsas exterioridades, a animação, a alegria, a polidez da boa sociedade e da juventude dominam aquella reunião, que parece uma realidade do paiz dos impossiveis.

Manoel de... entrava comigo: como nenhum de nós fizera tenção de se entregar aos folguedos de Terpsichore, calçavamos ambos a bota branca de caçadores, protegendo-nos os pés do mato calcado que servia de pavimento ás ruas

da povoação, e que abafava o ruido dos passos como o fizera o mais fino tapete de macia felpa.

Quando tinhamos chegado á rua denominada pelo tão poetico appellido de *Saudade*, onde era situado o club, Manoel, apontando para uma casinha baixã, que deixava escoar frouxos raios de luz e brandas melodias da orchestra atravez das fisingas da porta e janellas desconjunctadas, disse-me:

— É alli.

Tentei ainda oppor, como desculpa á minha entrada, a extravagancia do traje em que me achava; Manoel replicou com um argumento irrespondivel:

— Não vês como eu vou!

Curvei a cabeça e resignei-me. Alguns minutos depois, rangia nos quicios a velha porta, os dançantes fixavam sobre nós por um momento a attenção, para volverem logo a engolphar-se no inebriante deleite de uma dança doudejante, como a que na lenda da *Dama-pé-de-cabra* adormecia D. Inigo Guerra; e eu contemplava absorto aquelle prodigio, que me fazia brotar um baile animado e concorrido, d'entre os casebres d'uma aldéa, do mesmo modo que a vara de Moisés fez desentranhar-se em pura lympha o seio arido do rochedo.

Já que o meu introductor, ao entrar, não teve a complacencia de me apresentar a ninguem, aproveitarei eu o ensejo para apresental-o aos meus leitores, em quanto não finda a valsa, seguida immediatamente á contradança, que já trazia quasi exhaustos os mais infatigaveis dançadores.

Manoel de... é um moço que eu encontro frequentemente na sociedade. Reveste-lhe a fronte uma pallidez mal pronunciada, e talvez uma tristeza mal encoberta. No coração choveu-lhe a desventura os gelos de uma precoce velhice, e se alguma faúlha de sentimento se lhe aninha ainda lá escondida, tão no intimo é, e tão recondita a conserva, que para os indifferentes passa por um homem sem affeições, grave e frio como uma cathedral. O seu aspecto offerece-se em apparencias tão risonho ás vezes, que uns diriam ser o de um desdenhoso e outros o de um leviano, aggravando assim, entre as pessoas de sua convivencia, a reputação de homem sem alma de que já gosa. De magoas, se as tem, não falla nunca, e se acaso uma nuvem mais densa lhe vem pousar na fronte, logo um sorriso nos labios, desbolado por vezes como um raio de sol de inverno, trata de lh'a dissipar. Esperanças parece tel-as, ainda que frequentemente a asthenia do desanimo como que lhe tolhe até a facultade de aspirar. Se ainda no mundo houvessem fatalistas, dissereis que aquelle homem era fatalista... assim, não podendo classifical-o n'uma especie já extincta, como a do mastodonte, podeis dizer que é um moço... como ha muitos...

Ninguem vos ha de querer mal por isso.

II

Findára a valsa. Tomaram logar as damas, que dançaram (e que eram quasi todas), offegantes, risonhas, agradecendo com a caricia de um olhar aos seus cavalheiros, que de orgulhosos limpavam a fronte, mostrando no suor que em bagadas lhe corria, a provada infatigabilidade. Ditotosos os que dançam!

Manoel procurava com a vista alguém que não

tardou em encontrar. Cruzou um cumprimento affavel mas secco com uma das senhoras, que acabava de sentar-se, e nem sequer o mais leve sorriso lhe desfranziu os labios.

Os indifferentes ficaram taes a semelhante saudação, e eu ficava-lhe também, confesso-o, tanto as apparencias a isso obrigavam, se o acaso ou uma fatal perspicacia me não deixasse entrever nos olhos do meu companheiro a scintillar de uma faisca electrica d'essa coisa que se não define, mas que dá vida e expressão ao olhar.

Eu nunca fui indiscreto, e demais tem-me a experiencia mostrado que o melhor modo de saber as coisas é não as perguntar; por isso limitei-me a contemplar silencioso a formosura d'aquella mulher, em quanto o meu amigo parecia muito indifferente, esparecendo a vista pelos diversos grupos da sala, e trocando palavras futeis com alguns conhecidos que passavam.

Era admiravel aquelle rosto! Não vol o irei eu desenhar com insipidas comparações,

não! que a sua cõr mimosa
vence o lyrio, vence a rosa,
o jasmim e as mais flores!

mas posso dizer-vos o complexo de candidez, de bondade, de meiguice e de innocencia, que n'aquellas feições quasi divinas se debuxavam: pairavam-lhe em torno os risos; as graças como que a miravam invejosas; e a altivez da intelligencia parece que lhe cingia na fronte uma aureola de luz. Muitos a cortejavam, a saudavam, buscavam travar conversação com ella; a todos respondia affavel, risonha, alegre até. Quando Manuel a cumprimentou de longe correspondeu-lhe com esse curvar de cabeça, airoso como os movimentos do collo de cygne, e que já havia dispensado igualmente a muitos outros dos circumstantes. Não dava preferencia á conversação, nem aos conversadores, todos os assumptos e todos os interlocutores igualmente lhe agradavam e a todos respondia modesta, jovial e assisadamente. As senhoras queriam-lhe também, que aquelle rosto mais era de conciliar affeições do que de concitar invejas, ainda ás que mais inferiores lhe ficavam em dotes de formosura!

A orchestra — composta dos proprios convivas do baile, e que se revezavam tocando alternadamente em flautas, violões e rabecas, já para proporcionar aos outros o prazer da dança, já para a irem gosar também, confiando os instrumentos aos companheiros, — a orchestra preludiou uma quadilha, e logo a actividade foi tal na sala que nem uma senhora só ficou sentada!

No furor dançante nem os sessenta invernos de uma, nem o rheumatismo de outra, nem a horrivel hemicrania de uma terceira e mais nova do que as duas outras, foram respeitadas. Do sexo feminino só ficou sentada uma velhinha, que ostentava jubilosa na cabeça, poeticamente bella, as neves de perto de oitenta primaveras, e que com o conselho e com o applauso instigava as mais novas ao prazer, não se eximindo em dar-lhes ainda o exemplo quando, lá mais no descair da noite, se dançavam danças de roda, onde ella, por pouco tempo que fõsse, havia de ir levar o tributo das recordações alegres da sua remota meninice.

Era uma velhinha adoravel, com as suas cãs, com as suas rugas, com o seu aceio, e com o seu bom humor!

Manoel travou-me do braço e começou a passeir comigo no curto espaço da sala que não estava invadido pelos pares.

— Então que te parece isto?

— Um conto de fadas!

— Não imaginavas uma coisa assim?

— De certo não.

— E as mulheres que tal te parecem.

— Conheço-as quasi todas, de vista pelo menos.

— E nenhuma te impressionou?

— A mim! impossivel. Ou todas ou nenhuma.

— Extremos! Mas todas é absurdo!

— Eu te explico. Ou me impressionou o complexo da reunião, ou não tive impressão nenhuma especial.

— Entendo agora!... Mas dize-me não reparaste n'aquella mulher, que ficou no vão da ultima janella?

— Qual? a que está vestida de escuro?

Tinhamos chegado ao ponto onde ambos queriamos chegar... e para onde tinhamos ambos caminhado com certa tactica.

— Essa mesma! Conhecel-a?

— Nunca a vi.

— E que tal te parece?

— Formosa, sem duvida.

— Isso é, decerto!

— Parece uma creança muito feliz.

O meu interlocutor sorriu-se para mim, como apiedado da minha conjectura.

— Creio a alegre, prosegui eu.

Novo sorriso de compaixão.

— É rica?

— É, respondeu Manoel indifferentemente.

— Querida?

— Muito.

— Nova, sadia, formosa, com o coração talvez a transbordar de crença... com a alma convertida em sacrario de affectos, com o cerebro a borbulhar de esperanças. Querida... Tendo uma vida tão alegre como ella... tendo um futuro tão risonho, como são todos os futuros d'aquellas edades. Não compreendo os teus sorrisos!... Julgo a uma creança feliz.

— Tenho piedade de ti! respondeu Manoel com gravidade. Estudo o caracter d'aquella mulher ha um anno nas suas mais insignificantes manifestações, e acabei por conhecer que essa que tu julgas alegre e feliz é... *uma velha de vinte annos.*

Assombrou-me a asserção e ia pedir explicações, quando a contradança, acabando e lançando a confusão em toda a sala, nos veio interromper o colloquio.

(Continúa)

C. D.

FLORILEGIO CLASSICO

Uma briga entre um tigre e um javali

Neste dia comemos regaladamente; por que se caçou hua gazela, & repartio com nosco hum tigre e hum javali, que matou á nossa vista, não sem lhe custar sangue; por que a briga foi renhida, & o javali sabiase muito bem defender. Passou a cousa desta maneira. Chegando nós pelas onze da manhãa ao Eufrates, que se tinha afastado da estrada o dia de antes com hua volta que fazia, demos com os olhos em hum grande tigre, que levantada a cauda em alto, boca aberta, e todo hum fogo, saltava de quando em quando sobre hum pouco de lodo (tal nos pare-

ceo á primeira vista o javali que com elle brigava) por estar muito bem armado de camas de lodo hua sobre outra. Pararão os camelos, adiantámonos os de cavallo, & mais de perto nos puzemos a ver a batalha. Tinha o porco as costas em hum salgueiro, & os dentes bem afiados, & altura de tres dedos de todo seco pelo corpo. O tigre raivoso trabalhava pelo tirar do posto; mas vendo que não aproveitavão suas diligencias, saltoulhe de hum pulo nas costas, empregou as unhas, & cuidando que se retirava levando couro, & cabello, achou que só lodo, & cabello lhe tinha tirado. Segundou hua & outra vez o pulo, até que totalmente lhe tirou das costas aquella saya de malha enlodada, mas com pouco danno do mais. Tanto que o javali se vio desarmado, correo ao rio para se encher outra vez de lodo; mas dandolhe nas costas o tigre o abriu pelo meio com as garras: depois de o matar, deitou-se ao pé d'elle, lambendo hua ferida, que só recebera naquella batalha, & como lhe pareceo tempo comeo o que pôde, deixandonos alguma parte, que bastou para os que só podiamos comer daquella carne, prohibida na ley de Maoma; ainda que o Xouter não se pôde ter.

(Viagem da Índia, que fez por terra para Portugal o P. Manoel Godinho. Cap. XXII, pag. 138 e 139.)

UMA OBRA DO SECULO IX

(Vide pag. 411 do 2.º vo'.)

75. Chegou depois ao castello de Pontecurbo, nos campos de Castella, e intentou tomal-o, mas no terceiro dia, vendo que eram inuteis todos os seus esforços, retirou-se. Era seu defensor o conde Didaco. Tambem não conseguiu apoderar-se do castello de Sijerico, que estava na occasião mui fortificado. No mez de agosto avançou Almundar até os terminos de Legio. Mas tendo chegado a seus ouvidos que o nosso rei estava naquella cidade disposto a defender-se e a combater no castello de Sublancia, partio de noite do rio Zela e chegou ao nascer o dia ao mesmo castello antes que o nosso exercito passasse o rio, mas encontrou as casas desertas. No dia seguinte estava o nosso rei preparado para a batalha, mas a referida hoste dos inimigos, não só não chegou a Legio, senão que retrocedeu sem atravessar o rio Estora pelo castello de Coyanka e Zojam, arrasando em sua passagem até os fundamentos a casa dos santos Facundo e Primitivo. (1) Continuando então a retirada, entraram em Spania pelo porto que chamam de Balateomalti. O mesmo Albohalit, quando se achava nas cercanias de Legio, pediu repetidas vezes a paz ao nosso Rei. Este, effectivamente, nomeou por delegado a Dulcidio, presbytero da cidade de Toletto, que partio com cartas para o rei de Cordoba no mez de setembro, e ainda não regressou no corrente mez de novembro.

(Continua)

MODO DE LIMPAR QUADROS

Limpam-se quadros novos, e dá-se vivacidade ás cores, do seguinte modo:

Dissolva-se 14 grammas de assucar candi em 61,0875 (me-

(1) Era o mosteiro de Salagun.

tade de meio quartilho) de aguardente; bata-se bem uma clara de ovo, e pouco a pouco, sempre batendo, misture-se a aguardente á clara do ovo; depois, com uma esponja fina, molhada neste mixto, passe-se ligeiramente por cima do quadro.

Se o quadro fór antigo será necessario então limpá-lo com uma brocha um pouco aspera, molhada em lixivia tepida, composta de 1,400 (una cana-da) de água de rio, e de 114 grammas de sabão negro. É preciso ter todo o cuidado de não deixar penetrar muito a agua, o que estragaria o quadro. Depois de estar lavado, limpo, e secco, dê-se-lhe uma ou duas mãos de verniz para quadros.

VISÃO

Brilhava a aurora: subito,
Rompendo essa luz pura,
Anjo de casta alvura
Junto de mim desceu.
No rosto, acceso em jubilos
De mysterioso encanto,
Lhe refulgia o santo,
Vago esplendor do céu.

Baixou, baixou; sorria-se
Ao ver não longe a terra,
Passou de serra em serra,
Pousou de flor em flor;
E a viração dizia-lhe,
Folgando entre o cabello:
— «Ai! como tu és bello,
«Anjo de casto amor!» —

— «Porque me foges tímido?
Porque te cora a fronte?
Que buscas no horizonte
Onde te vás, meu bem?
No meu regaço inclina-te,
Perfumarei teu seio,
Terás ventura, enleio...
Oh, vem comigo, vem!» —

— «Vem, anjo meu; do empyreo,
Dize, porque desceste?
No puro amor celeste
Sonhaste o ardente amor?
Bem sei, teu seio candido
Busca outro seio amigo...
Não tardes, vem comigo
Brincar de flor em flor!» —

— «O céu é vasto e amplissimo,
A luz do sol divina,
E a estrella peregrina
Segredos conta aos mil;
Mas eu dou-te mais jubilos,
Mais luz, mais harmonia,
No despontar de um dia
Em grato mez de abril!» —

— «Dou-te o frescor, os canticos
Que á tarde eleva o prado,
O aroma embalsamado
Que a natureza tem.
O teu viver angelico
De amor será ditoso;
Não pares receioso...
Oh! vem comigo, vem!» —

E o anjo erguen-se rapido
Batendo as azas puras;
Só longe e das alturas
Á terra o olhar volveu.
A brisa arrebatava-o,
Sempre de amor fallando;
E o anjo ia voando...
Mas não tornou ao céu!

E. A. VIDAL.